



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO

DOMINGO

8

Agosto - 1965

N.º 1741

Ano XXXIV - Sétimo VIII

(AVENÇADO)

Fixado pelo C. de Censura

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p.-c.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administrado por BRAGA DIAS
Comp. e imp. na TIPOGRAFIA ESPINHENSE - Rua 14 - Telef. 920187

O Snr. Presidente do Conselho

concedeu uma entrevista ao director da revista «JOURS DE FRANCE»

Deve ter grande repercussão mundial a entrevista que o Snr. Dr. Oliveira Salazar concedeu ao general Beauville, director da revista «Jours de France», sobre a acção de Portugal no Ultramar. Impossível transcrevê-la na íntegra, como era nosso desejo, limitamo-nos a reproduzir alguns breves trechos desse notável documento.

—Portugal recusou-se a admitir o princípio de autodeterminação nos seus territórios ultramarinos. Qual é hoje a posição nacional a esse respeito e de que modo concebe V. Ex.ª a evolução da mesma?

O prof. Oliveira Salazar respondeu: —«Nós só podíamos aceitar a autodeterminação nos territórios ultramarinos, e no significado que se lhe dá correntemente, se esses territórios tivessem de escolher o seu destino de nação ou a sua forma de Estado. Mas o que acontece é que, de acordo com a integração de há séculos seguida pela política portuguesa em relação ao Ultramar, esses territórios formam já no seu conjunto uma nação e um Estado soberano. Admitir em cada momento político que uma fracção de território tem o direito de se autodeterminar no sentido acima é criar um factor de instabilidade e de dissociação nacional. Se o problema pode ter sentido quanto a territórios dependentes ou colónias que se deseja ascender à independência e definam as relações com o Estado que exercia sobre eles direitos de soberania, não o tem no caso português.

—No caso português a única coisa que importa é saber se aos cidadãos dos territórios as leis conferem os mesmos direitos políticos ou sejam aqueles através dos quais o indivíduo influencia a constituição dos órgãos do Estado. Se esses direitos são iguais em todos os territórios, nós não temos cidadãos e súbditos, mas só cidadãos, ainda que estes só intervenham em tais ou tais actos, conforme a sua capacidade.

—Mas isto é uma questão de direito eleitoral e não uma questão política. Os factores da revolução africana pretendem iludir a questão com a exigência primária de um voto a cada homem. Ninguém, com a noção da responsabilidade, acatará a tese, que só é defendida para chegar a certos resultados e não pela sua verdade ou justiça.

—Realizou-se recentemente a eleição do Chefe de Estado, que é feita por um corpo restrito de eleitores. Mas, mesmo restrito, este corpo eleitoral é recrutado nas províncias ultramarinas como é aqui, na parcela europeia de Portugal.

—Quer-se forma de autodeterminação mais autêntica do que esta, dentro daqueles limites em que pode dizer-se que um povo se autodetermina pelo jogo das suas próprias instituições?»

Continua na 2.ª página

III Encontro dos Suplementos e Páginas Culturais da Imprensa Regional

Organizado pelo nosso prezado colega «Notícias de Guimarães», na histórica cidade de Guimarães, iniciou-se ontem e termina hoje, o III Encontro dos Suplementos e Páginas Culturais da Imprensa Regional com o seguinte:

Programa

ONTEM: Pelas 17 horas e 30 minutos — Reuniram os participantes no III encontro, na Redacção do Jornal «Notícias de Guimarães»;

às 18 horas — teve lugar a inauguração, no Grémio do Comércio, da Exposição dos Suplementos e Páginas Culturais da Imprensa Regional;

às 20 horas — Jantar no Hotel das Termas das Caldas das Taipas;

às 21 horas e 30 minutos — Início da 1.ª sessão dos trabalhos do III encontro.

HOJE: às 10 horas — Início da 2.ª sessão dos Trabalhos do III encontro;

às 12 horas — Leitura das Conclusões do Encontro;

às 15 horas — Almoço no Hotel da Penha.

Realiza-se hoje a II tourada da época

Conforme o anúncio que noutra lugar publicamos, realiza-se hoje na Praça de Touros de Espinho a II Corrida de touros da época presente, a qual, se o tempo não vier prejudicar, deve ser também de grande agrado do público, e a Praça deve encher-se como na primeira corrida.

Esclarecimento

Na notícia que inserimos no nosso número de 25 de Julho, por erro de interpretação atribuímos a iniciativa da realização das corridas de Touros na actual praça de Espinho, ao empresário, sr. António Carvalho, quando é certo que tal iniciativa partiu do sr. José da Costa Leite, considerado presidente do Conselho de Administração da Sociedade Turismo de Espinho (Casino).

O sr. Costa Leite, é que foi ao encontro do sr. António Carvalho, que então se achava em Espanha, e em nome da Sociedade que representa entrou em negociações com aquele para a realização das corridas anunciadas para este ano em Espinho.

O seu a seu dono, e que nos desculpe o sr. Costa Leite pelo erro cometido, involuntariamente.

Temos de integrar-nos na evolução do tempo, temos de remar contra as contrariedades e não podemos deixar partir os turistas e veraneantes para outros lados para depois começar de novo porque isso seria muito mais difícil, quase impossível.

Apresentemos aos turistas e veraneantes a nova praça de Espinho urbanizemos os seus acessos e façamos de toda a região ao Norte da Piscina um centro de atracção, porque a piscina, só, não resolve o problema. Temos de ter praça e praia com condições à altura dos pergaminhos de uma Estância balnear de 1.ª classe.

Continuaremos

GOMES DE CASTRO

AGUARELA Luso-Brasileira

por Manuel Laranjeira

Este tempo que me falta e não tenho é um remorso impertinente e incomedativo a pesar-me na consciência. Bem que gostaria de lançar as minhas redes no mar sempre vivo das saudades para me manter bem preso, bem agarrado à terra de chão movediço que é a minha e que de cada dia que passa me fica mais longe, embora uma distância só afectiva pois nunca esteve tão perto no sentimento filial e nas preocupações diárias com o seu futuro. E por isso além de emisso torno-me ingrato, já que uma das constantes da minha actuação sempre foi a minha permanente presença espiritual, quando não física, nos gestos, nos actos e nos pensamentos da terra, e sobretudo no incantamento e no reconhecimento dos valores mais altos que a servem e a prestigiam.

Deixei na ara profana dos meus arquivos as palavras de congratulação que me merecia a carreira brilhante, limpa, linear e simultaneamente superior do Dr. Mário Leal, galgando as escadas soberanas e nobres da carreira judiciária com aquela tranquilidade dos grandes gestos e a bonomia placida do dever cumprido. Também no limbo da minha solidariedade de espinhense ficou à espera de oportunidade uma palavra de pura estima e admiração para o querido Bernardino Lopes, escultor de escola, que pode não ser artista mas parece que está a tornar-se um grande mestre o que não sendo uma mesma coisa leva aos mesmos caminhos da nossa glória doméstica. E agora a lapidar definição do não menos admirado Alberto Baptista, em uma dúzia de linhas onde me parece descobrir ainda a mão caledona no manejo da pena e a sensibilidade preñe de muitos anos de serviço à arte pictórica do velho mestre de jornalistas que é Mário Figueiredo, o terrível e exigente chefe de redacção de «O Primeiro de Janeiro», pode, não mais ao meu espírito crítico, fora de causas, mas ao meu acendrado júbilo pelos valores da minha praça, não mais ao meu julgamento, insuficiente e estulto, em qualquer dos casos citados, mas ao meu espírito de admiração, esse sim, suficientemente desencadeado por esta ternura às vezes incompreendida, escondida num temperamento insubmisso e incapaz de hipotecas, pede-me a amargura do verso de Carlos de Moraes: «meu jeito de estar ausente, marca presenças mais largas...»

Este tempo que me falta e não tenho, dizla eu a inlelar. Este tempo que me foge sem que eu possa prendê-lo, este tempo que daqui a nada não é mais meu mas dos meus filhos, dos filhos dos homens desta geração onde saíram esses três valores que tanto têm honrado a nossa vila-cidade. Este tempo, afinal produtivo, que há-de deixar no tempo-espaço a sua marca indelével, a sua unidade funda, a sua eletriz do bom sinal. Seja no mestrado da arte, seja no respeito à lei e na equidade da distribuição da justiça, seja na pincelada que liberta, no guache que afirma, no traço que é a própria liberdade em gesto.

Assim permaneço numa ligação que é afinal suavemente espírito, embora essa suavidade não vá tão bem à minha necessidade de vivência, de mistura com o facto, e traga no bojo uma leve frustração de quem não pode dar por inteiro.

E o mais que se escoa entre os dedos e não posso agarrar. A Lota de peixe, velha e cara aspiração da terra que tanto tem no mar salgado. O Bairro que há-de ser o túmulo daquele «moço» que era o Flexa. E essa guerra santa, espécie de cruzada da era atómica e das fotografias de Marte, em que também andei a dar as minhas lançadas de fé com a terrível, a sinfonia C. P., sobre as passagens de nível, sobre a electrificação, sobre os casebres da pequena velocidade, sobre os combóios a atravancar, como aneurismas, as veias cavas ou as aortas das nossas ruas.

E a cobrança de certas promessas que continuam promessas, e o relevo de realizações já feitas...

E este tempo que me falta e que não tenho... E esta voz desafinada que de quando em quando se suprime mas se não destrói. Esta teimosia de estar onde não estou e de continuar a olhar, a entender, a interpretar e que não vejo. Esta forma única de ficar onde não pude permanecer. E este gesto amargo e simultaneamente sobroso de dar uma palavra, de poder fazer um gesto, de transmitir a fé, de ser contente por poder louvar. E agradecer. E elogiar. E derrotar também este tempo que me falta e que não tenho...

O Grande Festival Aquático

foi muito prejudicado com o meu tempo

Um dos números de maior cartaz do programa das Festas do Verão em Espinho, é, sem dúvida, o Festival Aquático, que há três anos consecutivos se vem realizando em Espinho, sob o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, o qual costuma atrair à majestosa Piscina-Solário alguns milhares de espectadores.

O Festival que se realizou na passada 5.ª-feira havia despertado grande interesse pela fama de que vinha precedido o grupo de ballet do «Metropolitan Diving School», de Londres. A chuva impertinente que precisamente à hora a que devia começar a exibição e quando o público em massa se dirigia para a Piscina, se desprendeu do céu, veio prejudicar não só o maravilhoso espectáculo como submeter o público ainda assim numeroso, a um copioso chuveiro. Foi realmente, uma pena!

O referido «ballet» compunha-se de 18 graciosas e exímias nadadoras-bailarinas inglesas que tomaram parte nos Jogos Olímpicos de Tóquio, as quais, ape-

Ainda o Cortejo de Oferendas em benefício do Hospital de Espinho

Em complemento do nosso relato anterior vimos hoje dar conhecimento aos nossos leitores em geral, da contribuição de cada freguesia do nosso concelho para a passada jornada de caridade, em favor do Hospital de N.ª S.ª da Ajuda, que é o hospital de todo o concelho, ao qual não podem ficar indiferentes as respectivas populações.

Espinho (Vila), cerca de	130 000\$00
Freguesia de Anta	18 527\$00
Freguesia de Paramos	13 266\$00
Freguesia de Silvalde (Comissão Administrativa)	13 050\$00
Freguesia de Guetim	4 220\$00
Total Esc.	178 843\$00

Adicionando o produto dos leilões, que ainda não está apurado, o total da Jornada deve ultrapassar os 180

continua na 3.ª página

sar da chuva ainda deliciaram com a sua arte as centenas de pessoas que, assistiram à exibição debaixo de chuva.

Pena, foi, na verdade, mas não cabe a culpa aos promotores. Aliás, a organização no que respeita à ordem e colicção do público, estava superior à dos anos passados.

Problemas actuais

A nossa praia do futuro

Atravessemos agora a passagem de nível da Rua 7, a mais franca de todas as que condicionam a vida turística e económica de Espinho e vamos até à praia.

Uma análise «à priori» do panorama que se estende aos nossos olhos evidencia-nos uma série importante de problemas a considerar que demandam muita acuidade, muita atenção e espírito de iniciativa para enfrentar as contrariedades da natureza.

Espinho, terra privilegiada pelas suas condições naturais de desenvolvimento, sofreu graves reveses com a acção impiedosa do mar.

Urge adaptarmo-nos às circunstâncias e viver as realidades do presente e do futuro.

Espinho continua apesar de tudo a possuir as condições indispensáveis para proporcionar aos turistas e veraneantes uma das melhores praias do nosso litoral. Não podemos deixar agir só a natureza. Temos de fazer algo que valorize o que temos e o que poderemos ter ainda mais.

A acção avassaladora e destruidora do mar na praia central compreendida entre as ruas 25 e 15 reduzindo substancialmente o areal obriga-nos a pensar na solução do futuro para que os veraneantes verifiquem que, na realidade, Espinho tem praia, com todas as condições, para lhes apresentar.

Em primeiro lugar impõe-se a conclusão dos esporões implantados mas não acabados, para ampliação e segurança da praia central e das obras realizadas pelos Serviços Marítimos, a fim de se completar o plano urbanístico delineado pela Câmara Municipal e cuja falta muito se tem feito sentir com grande prejuízo para Espinho.

Depois temos que nos voltar para o areal que se estende a Norte da Piscina, até ao limite de Espinho e que será indubitavelmente a nossa praia do futuro. Antes que seja tarde, e já demora, temos de pensar num plano que reuna todas as condições indispensáveis para o efeito, preparando-lhe os acessos condignos. Isto, é

claro, não depende apenas da Câmara Municipal e da Comissão de Turismo, entidade subordinada àquela. É necessário também, a colaboração dos Serviços Marítimos e da Capitania do Porto, à qual a nossa Praia, propriamente dita, está subordinada.

A continuação para Norte da Avenida 8, em condições precárias, foi já uma medida de grande alcance. Todavia, a continuação dessa Avenida foi, apenas, um apontamento a indicar que é para ali que Espinho tem de se voltar para garantir uma praia condigna no futuro.

Entretanto, o estado lastimoso em que se encontra o término do referido prolongamento e os acessos que dele seguem para o areal carecem de conveniente arranjo que talvez mais acessível a utilização daquele sector da praia de banhos.

Se a abertura daquele traço da avenida demonstrou visão do problema, e mesmo não acontece com o estado em que tem continuado.

Torna-se necessário proceder à urgente instalação de sanitários, mal de que toda a nossa praia enferma, como se torna, igualmente, necessário se adjudique a construção de um bar que tanto poderia ser entregue a terceiros como poderia ser construído pela nossa Câmara Municipal que mediante concurso, concederia a sua exploração nos mesmos moldes do que acontece com os diversos pavilhões da Avenida 8.

O movimento daquela Praia poderia ser já notável se lhe tivessem dado as condições indispensáveis, pois, até a instalação de um restaurante-Bar, urbanização do largo que limita a Norte a continuação da Avenida 8 e a instalação de escadarias e passelos de acesso à praia convidavam a uma maior afluência. Criava-se a nova praia de Espinho, a praia do futuro. Tal qual como está é que não convida a ninguém.

Espinho tem um excelente areal para uma praia. Não podemos concordar que se continue a prepalar que Espinho já não oferece condições como praia que o areal desapareceu,

Riada o Concerto da Orquestra Sinfónica do Porto

Foi, na verdade, um acontecimento assíptico de grande relevo o Concerto que a Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo ilustre Maestro Silva Pereira, deu no dia 29 de Julho em Espinho, e ao qual já aludimos, embora ligeiramente, por falta de espaço.

A este magnífico Concerto vieram assistir prestadores e professoras de diversas localidades e entre estas as distintas concertistas D. Helena Moreira de Sá e Costa e D. Berta Alves de Sousa.

É desta última, que é também, conceituada crítica musical de «O Primeiro de Janeiro», que vamos transcrever, com a devida vénia, a sua autorizada apreciação inserida no número de 31 de Julho findo, do citado diário portuense:

O II Festival de Música de Espinho

Nesta praia tão frequentada, onde o ritmo forte do mar como que se repercute nos ânimos, que, com brilo e galhardia afirmosslam a sua amada terra (não só construindo, modernizando e criando conforto à sua volta), mas sim abraçando as artes, espiritualizando todo o progresso e avanço.

Temos como bela prova o desenvolvimento artístico na «Academia de Música» dirigida pelo professor Mário Alberto da Rocha Neves, adepto das escolas dos saudosos mestres Luís Costa e Cláudio Carneiro. Fundada em 1961, desenvolveu notavelmente a sua actividade, havendo passado por ela já mais de mil alunos. Numa instalação em que se vê muito amor e carinho, prosperam, tanto o Jardim Escola (que mereceu os especiais cuidados do dr. Azeredo Perdigão), como as classes de piano, instrumentos de arco, de sopro, ballet, solfejo e línguas.

Além de uma exemplar actividade, os planos e projectos sucedem-se; e foram levados a efeito frequentes concertos de honroso nível, tomando vez os «Festivais», ao que também a Câmara Municipal de Espinho e a Comissão Municipal de Turismo se empenham a patrocinar compreendendo o seu alcance, tanto no movimento cultural, como propriamente turístico.

No segundo concerto, realizado quinta-feira à noite, no teatro São Pedro, integrado no II Festival de Música, no qual colaborou a Orquestra Sinfónica do Porto, sob a direcção do maestro Silva Pereira, e em que se apresentou como solista Ramon Miravall, foi evidente o êxito da iniciativa pela afluência de ouvintes, e pelo grau de vibração em que decorreu o concerto.

Houve como programa a abertura da ópera «Cleopatra», de Mancinelli; o Concerto em lá menor, de Saint-Saens, para violoncelo e orquestra; «Canção», de Joly Braga Santos; «Sulite Lírica n.º 1», de Antero Silva Pereira; e «Danças Guerreiras», da ópera «Príncipe Igor», de Borodine. Após a cor intensa do primeiro número, ao qual o maestro Silva Pereira incutiu a requerida solidez e brilho, havia especial interesse em escutar Ramon Miravall, distinto violoncellista da orquestra, que foi já elemento da Orquestra Sinfónica de Pablo Casals, bem como componente do quinteto Teldra.

Este artista foi bolseiro por três vezes da Fundação Gulbenkian no Curso Internacional de Santiago de Compostela e Academia Chigiana, de Itália. Foi convidado para professor na Academia de Música da Madeira, onde leccionou durante oito anos, sendo actualmente componente da Orquestra Sinfónica do Porto e do quarteto «Música Viva», professor do Conservatório Regional de Aveiro e da Academia de Música de Espinho.

Na obra do grande compositor francês, cujas produções revelam muita riqueza musical, sendo o Concerto para violoncelo considerado uma obra-prima, Ramon Miravall expressou-se com grande segurança e nobreza.

Dotado de um precioso equilíbrio, com arcada generosa e timbre péptico, o ilustre artista agradeu plenamente, conquistando o auditório pela sua naturalidade e modéstia. Os aplausos foram muitos e prolongados, envolvendo o mestre e colaboradores.

Na 2.ª parte, a «Canção» de Joly Braga Santos marcou pelo interesse musical e excelente orquestração. Seguiu-se-lhe a «Sulite Lírica n.º 1», de Antero Silva Pereira, com a curva suave e olor a violetas e rosmaninho, para, depois, a orquestra se transformar numa hoste guerreira, de carácter audaz e violento, embora com breves pausas para sonhos nostálgicos.

No final, os entusiásticos aplausos de todos os assistentes foram motivo para mais dois números suplementares: o «Minuetto», de Coccherini, e «Siciliano», do mesmo autor, sendo o maestro ovacionado após as suas interpretações. — B. A. de S.

Auxiliar o Hospital de Espinho

Registo Social

Aniversários

FIZERAM ANOS: no dia 7, as meninas Maria Madalena Prats Couto, filha da sr.ª D. Antónia Prats Couto e do sr. Manuel Couto Rodrigues da Silva, e Teresa Filomena Pereira Brandão de Almeida, filha do sr. Armando Brandão de Almeida.

FAZEM ANOS:

Hoje, dia 8, as meninas Ana Célia Mateiro Lado, filha do sr. Joaquim Lado, ausente em Oliveira de Azemeis, e Angélica Marques Prucha, filha do sr. José Marques Prucha, do Porto; os srs. Artur de Sá Vieira de Oliveira, Armando Ribeiro e Carlindo Augusto, filho do sr. João de Couto Capela, ausente em Luanda;

Amanhã, dia 9, a senhorinha Maria Helena da Veiga Ribeiro, filha do sr. Manuel Gomes Ribeiro; e os srs. Fernando de Sousa Mota, Carlos Jerónimo Fernandes Pereira, Joaquim Gulmarães, filho do sr. Dionísio da Costa Gulmarães, de Anta, e Américo Alves de Sá, de Silvalde;

—em 10, a menina Palmira Pereira Faria, filha do sr. José da Silva Faria, de Anta; e o sr. Albano Ferreira Pedro, ausente em Angola;

—em 11, as sr.ªs D. Palmira da Silva Alves, esposa do sr. Joaquim de Oliveira Alves, D. Margarida S. Gomes Gil, esposa do sr. António Fernando Gil;

—em 12, a menina Maria Felamína da Silva Capela, filha do sr. João do Couto Capela, ausente em Luanda; e os meninos Tomás Eugénio Alves P. Castro, filho do sr. Tomás Jorge de Castro, do Porto, António Dias M. Alves da Rocha, filho do sr. António Alves da Rocha, e Herculano Pinto Loureiro Meneses, filho do sr. Delfim Pinto Loureiro;

—em 13, as meninas Maria Irene, filha do sr. Joaquim Pinheiro de Vasconcelos, Ana Rosa Rodrigues da Graça, filha do sr. António Esteves Galego, de Matosinhos, Maria Celeste Ramos Resende, filha do sr. Alberto de Oliveira Resende, e Carolina Maria, filha do sr. Joaquim Domingues de Oliveira; os srs. Angelo André de Lima, ausente em Coimbra, Joaquim Pinto Ribeiro, Jorge de Pinho Faustino Mateiro, filho do sr. Manuel Gomes da Silva Mateiro, e Marcelino Alves de Oliveira Sigalho; e os meninos António Dias Marques Alves da Rocha, filho do sr. António Alves da Rocha, e Henrique Manuel Couto Duarte Ferreira, filho do sr. Valentim Duarte Ferreira, de Anta;

—em 14, a sr.ª D. Maria do Céu Dias de Sousa, esposa do sr. Joaquim Pereira de Sousa, do Porto; o sr. Angelo Ferreira Cardoso; o menino Ricardo Augusto O. Fernandes, filho do sr. Ricardo de Oliveira Marques; e a menina Maria do Céu Marques Oliveira, filha do sr. Benjamin Rodrigues de Oliveira, ausente na Venezuela.

Tavares Nogueira

Médico

Doenças da boca e dentes
Prótese dentária

Horário das consultas

2.ªs das 15 às 19 h.; 5.ªs, 5.ªs e 6.ªs das 9 às 12 h. e das 15 às 19 h. e aos Sábados das 9 às 12 horas.
Consultas com hora marcada.

Rua 19 N.º 485-1.ª-Sala C. Tel. 920590



PRAÇA DE TOUROS DE ESPINHO

Hoje, Domingo, 8 de Agosto
às 18 horas

II CORRIDA DE TOIROS

CAVALEIROS:

Alberto Luis Lopes e Manuel Conde

ESPADAS:

Nicardo Chibonga (a maravilha negra) e o espanhol

Curro Chavez

com as suas quadrilhas de bandarilheiros

FORCADOS:

Amadores de Lisboa do Ex.º Sr. Nuno Salvação Barreto

Toiros da Sociedade Agrícola de Camarate

GRANDE CASINO DE ESPINHO



8 de Agosto de 1965

NO RESTAURANTE m/ 21 anos

Grandioso Espectáculo de Variedades

MARIA LIBERTA — canções portuguesas
LOS MATURANAS — bailes espanhóis
BALLET DE VLADIMIR KOVALSKY — folclore eslavo
JENY ANDERSON — extraordinária bailarina clássica alemã

Música para dançar:

das 20 às 22 horas Jantares-Concerto

com conjunto do maestro FERRER TRINDADE

Quinteto Italiano I CAPITANI

NO CINE-TEATRO M/ 12 anos

às 15,30 e 21,45 horas

O Samba do Amor

com a eterna favorita do público

SARITA MONTIEL

A Sala de Jogo abre às 16 horas

Entrevista do sr. Presidente do Conselho

Continuação da 1.ª página

PERSPECTIVAS DA EVOLUÇÃO DA AFRICA

—Qual poderá ser — indagou a seguir o director de «Jours de France» — a avaliação dos Estados africanos nascidos da colonização e que influência poderá semelhante evolução ter nas relações daqueles com Portugal?

— Em Africa — respondeu Salazar — que é onde o problema pode ver-se com maior precisão, os Estados que chamaremos revolucionários continuarão a sua acção política contra Portugal, na ONU, nos organismos subsidiários desta, na Organização da Unidade Africana. É uma ofensiva verbal e de descriminação, sem grandes consequências, porque estes países estão longe de poder constituir exércitos para incursões belicistas no continente africano. E cada vez se encontram mais longe disso, à medida que na mesma Africa certo número de países se afastam dessas atitudes demagógicas para procurar o que mais interessa à sua vida de povos recém-independentes.

Estes começam a ter a noção duma interdependência e necessidade de cooperação incompatíveis com a extensão de espírito revolucionário e anti-europeu.

«Como a nossa atitude é de manter as mais amigáveis relações com todos os Estados, tanto na Europa como na Africa, esses Estados sabem que têm em nós o apoio e ajuda possíveis e a colaboração que as nossas posições podem prestar à sua economia. É natural que, embora tendo de vez em quando culto à fraternidade africana e à luta contra o «colonialismo» português (que sabem não existir) é natural, dizia, que se mantenham e estreitem as relações existentes e outras venham a estabelecer-se para proveito comum. A evolução dos países de Africa não pode prescindir da colaboração ocidental.

«Porque meterem-se nas lutas competitivas, de que já são objecto, para se voltarem contra Portugal, que nem os hostiliza nem os explora, mas só pretende conviver pacificamente com eles?»

UMA QUESTÃO QUE SE NÃO PÕE

O último ponto abordado pelo general de Benouville versou a participação dos católicos na vida política.

—Afigura-se normal a V. Ex.ª — perguntou — que os católicos se organizem politicamente, mediante qualquer designação específica, e que seja possível formarem assim um vasto partido internacional a superar as fronteiras?

A resposta do prof. Oliveira Salazar foi negativa:

—«Não; não me parece normal, nem correcto, nem vantajoso. A unidade dos católicos no mundo não está na federação de organismos ou partidos nacionais, mas na existência da própria Igreja a que pertencem. É através dela que o católico está em toda a parte e em espírito igual a todos os outros.

«Esquecendo a sua própria catolicidade, há, sem dúvida, membros da Igreja tentados pelo universalismo da nossa época. Essa tentação os leva a formar organizações religiosas que se entrelaçam com organizações semelhantes de outros países para reforçar o seu viço e estender a sua influência.

«Por mais que se queira focar o carácter puramente religioso destes organismos, eles dificilmente escondem certo carácter ou intenção política, no que a Igreja não tem interesse em comprometer-se. Se através de séculos de desentendimento e lutas chegamos felizmente a uma compreensão dos limites respectivos de actuação da Igreja e do Estado, e sobre essa compreensão se estabeleceram regimes de concórdia e pacífica liberdade, haverá quem culde ser aconselhável regressar por outros caminhos a essas situações?»

E o Chefe do Governo português concluiu, acentuando: —«O problema é aqui tratado no domínio de pura abstracção, visto que o regime português não aceita a formação de partidos, mesmo de partidos políticos católicos. De modo que a questão não se põe para nós.»

Matos Viegas

MÉDICO

Consultas das 10 às 12 horas e das 17 às 19

Consultório: Avenida 8 n.º 388

Residência: Rua 26 n.º 585

Telef. 92 05 85

Balança Automática

Nova, marca «Medines». Força 20 Kgs.. Ver e informar: Rua 62 n.º 1028 — Espinho.

Vende-se ou Aluga-se

Fábrica de Celuloide e Plásticos

de Leon Petit — Rua 31 n.º 914
Telefone 920188 — Espinho

Para informações das 10 às 12 h.

Oferece-se

RAPAZ com 16 anos com o 4.º ano do Curso Geral do Comércio.

Falar na Rua 62 n.º 602-Espinho

Presidência da República

Como já é do conhecimento do País, o sr. Almirante Américo Tomás, é amanhã investido do seu novo mandato de Presidente da República, por mais 7 anos.

Por tal motivo, S.ª Ex.ª vai receber a homenagem dos representantes de toda a Nação.

Dentro da nossa modestia associamo-nos em espírito a todas as homenagens.

Registo Social

Professor Reinaldo Cardoso Correia

Como é habitual, já se encontra entre nós com sua família, a veranear, o sr. professor Reinaldo Cardoso Correia, ilustre visense chefe da Redacção e Administrador do nosso prezado colega «Jornal de Viseu», e vereador da Câmara Municipal.

Agradecemos ao distinto Amigo e colega, a gentileza da sua visita à nossa Redacção e desejamos-lhe bom aproveitamento dos ares iodados da nossa terra.

Nova professora

Concluiu o curso de professora do I. N. E. F., com brilhante classificação, a n.ª estimada assinante, Senhorinha Maria da Encarnação Guia Barreiros, dilecta filha da sr.ª D. Maria Barreiros, proprietária da Peixaria Central desta Vila.

A nova professora foi-lhe atribuído o prémio de Esc. 7 000\$00 pelos bons resultados obtidos no referido curso. Felicitamo-la e desejamos-lhe felicidades.

PARTIDAS E CHEGADAS ETC.

Dr. Tavares de Melo

Tem estado entre nós o sr. dr. Caetano Tavares de Melo, veterano dos Atiradores aos Pombos e antigo frequentador da nossa praia. O sr. dr. Tavares de Melo, há largos anos que reside no estrangeiro. Folgamos em cumprimentá-lo.

Mário Vitor Guimarães

Com sua família, já se encontra a veranear nesta praia e deu-nos o prazer da sua visita, o nosso prezado amigo e antigo sub-director deste Jornal, sr. Mário Victor Guimarães, actualmente comerciante e residente no Porto. Desejamos-lhe feliz estadia entre nós.

Dr. Adelino Moreira Ramos

Este prezado amigo e conterrâneo, ilustre professor do Liceu de Viana do Castelo, deve seguir de avião, no dia 10 do corrente, acompanhado de sua digna Esposa, em digressão pelos E. U. A. e Canadá. Auguramos-lhes uma viagem inteiramente feliz.

—Das Termas da Curia, onde se encontrava em tratamento, regressou à sua residência em Esmoriz, o n.º prezado assinante, sr. Manuel Alves da Rocha, conhecido industrial naquela Vila;

EM VERANEIO

Com suas Ex.ªs Famílias já se encontram nesta praia a passar a costumada temporada de veraneio, os nossos prezados assinantes:

Ex.ªma Condessa das Devesas; Dr. Manuel de Passos Coelho, Mer.ª Juiz da comarca de Viseu; Tenente-Coronel José Lourenço, de Alverca; Dr. Belchior Cardoso da Costa e Dr. Alcides Monteiro, ilustres advogados da comarca da Feira.

DOENTE

Por ter adoecido repentinamente, foi internado no Hospital de Espinho, em estado grave, o sr. Joaquim da Silva Mateiro, funcionário dos Serviços Municipalizados de Espinho. Desejamos-lhe as melhoras.

Falta de Espaço

Por este imperioso motivo fomos obrigados a adiar a publicação de vários originais que tinhamos destinado a este número da «Defesa». Que nos desculpem os interessados.

Retrozaria Ibérica

Abriu na passada 2.ª-feira as suas portas ao público, na Rua 16 — baixos do Salão Edith, o novo estabelecimento denominado «Retrozaria Ibérica», propriedade da sr.ª D. Edith Lázaro Gonzalez, esposa do sr. José Oterello Gonzalez.

Trata-se de um estabelecimento moderno e de fino gosto que honra a nossa terra, e merece uma visita das senhoras desta Vila.

Passa-se armazém

com boa clientela — com alvarás de inscrição no Grémio de Mercaderias, e nos de Cereais e de Batatas — na Rua 7 n.º 576 — Espinho.

Defesa

Secção
de
Letras e
Artes

DIRECÇÃO DE
BENJAMIM DA COSTA DIAS

N.º 28

Literária

Coordenação de JOAQUIM COUTO RODRIGUES DA SILVA

JÁ disse que no século XVII começaram a compor-se pequenas óperas cómicas, num só acto destinadas a desanuviar os climas trágicos criados pelas óperas sérias. Representavam-se nos intervalos ou intermezzi destas, e foram as primeiras óperas-bufas que o mundo conheceu. Correspondiam tais peças às farsas que no teatro declamado, pela mesma época, se representavam antes da última jornada das peças de programa. O termo *intermezzi* deu em português a palavra «entremeses», muito usada ainda no século passado, entre as populações rurais, para designar funções teatrais com pequenas peças musicadas, burlescas e jocosas, de que as «Guerras do Alecrim e da Manjerona», de António José da Silva, com música de António Teixeira, nos fornecem exemplo de linha superior, no século XVIII. As «Guerras do Alecrim e da Manjerona», classificadas pelos autores como «ópera jo-co-séria», devem considerar-se género híbrido, como são zarzuelas e operetas, pois agiam como teatro puro pela estrutura dramática e criavam momentos de expansão lírica pela interpoção de partes cantadas.

O género *bufo*, onde tinham seu emprego sopranos, tenores, barítonos e baixos — estes últimos relegados do género sério — caiu de tal modo no agrado das plateias que, por fim, passaram a compor-se óperas-bu-

A Ópera-Bufo

pelo Eng.º Rebelo Bonito

pois não se falava mais nela». Este regimen de produção, que só os grandes improvisadores podiam aguentar, explica

Continua na página seguinte

fas em vários actos, para enchimento de espectáculos completos. E' desta fase o *Barbeiro de Sevilha*, obra prima do autor e da ópera-bufo italiana. Foi no *Barbeiro de Sevilha* que pela primeira vez se pôs de lado o «recitativo seco».

Conta-se que o *Barbeiro de Sevilha* foi composto em treze dias, e é possível.

Para se ajuizar do sistema de trabalho dos compositores italianos, naquela época, vamos citar uma curiosa passagem deixada por Landorny na sua *Histoire de la Musique*.

«Faziam-se quatro épocas teatrais em cada ano: no Carnaval, na Quaresma, na Primavera e no Outono. Cada compositor comprometia-se a escrever uma ópera para cada estação. Quando chegava à cidade onde tinha de representar-se a sua nova ópera, não levava escrita uma única nota de música. Começava por se informar da capacidade e possibilidades dos cantores postos à sua disposição e só então iniciava o seu trabalho, escrevendo afanosamente, dia e noite, pois a encomenda tinha de ser satisfeita no período máximos de vinte dias. Se a ópera agradasse, cantava-se durante cerca de um mês, e de-

Camões é Portugal

A História, como mostra da vida, ensina-nos a amar os feitos dos grandes homens e a evitar os dos falsos ou indignos. Luís de Camões foi a figura mais fulgurante da nossa História, por isso, ao encerrarem-se as actividades da Mocidade Portuguesa (1), nenhum dia seria melhor do que o consagrado ao aniversário da morte do maior poeta de todos os tempos, Luís Vaz, genial cantor das virtudes e feitos da raça a que pertencemos, a quem prestamos homenagem, na justa medida em que a sua alma se irmana com a dos portugueses e a simboliza.

Quatro séculos, aproximados, são passados desde que se finou, sem que depois, como antes, houvesse no mundo inteiro quem se possa igualar ao insigne vate.

A obra literária do grande épico divulgou-se por todo o mundo, sendo traduzida e comentada em vários idiomas. Não é tão lida e conhecida, porém, como o devia ser pela nossa mocidade, mal orientada, canalizada para o desporto, que já quase não existe, por se ter transformado em modo de vida.

Os Lusíadas, bíblia da Pátria, deviam ser mais lidos pelos jovens, para que se lhes fortalecesse o ânimo, tomando o seu autor e as suas lições como exemplo a imitar, em obediência ao provérbio:—

Chega-te ao bons, e serás
Um dos bons. Depois de o seres,
Chama a ti os maus, fá-los
Iguais a ti, se poderes.

E' que a obra de Camões narra os feitos dos nossos antepassados, «heróis do mar, nobre povo, nação valente, imortal, / sem outra igual em guerreiros e santos, posto que / entre os Portugueses sempre houvesse traidores algumas vezes.

E' imperioso que conheçais as grandes figuras da nossa História, como D. Afonso Henriques, o fundador da nacionalidade e o maior conquistador de terras aos mouros, e como foram

conquistadas, segurando em uma das mãos a Cruz de Cristo, na outra a espada! E' que Portugal se é a resultante da valentia dos heróis portugueses, também nasceu à sombra da protecção da Igreja em Samora.

A História assinala vultos que tendes necessidade de conhecer e evocar

Continua na página seguinte

«Pausa»



Linóleo de ARTUR HENRIQUE

MOMENTOS

por ZACARIAS DE OLIVEIRA

A flor nasceu ali onde tudo é anti-flor. O areal ganhou cor uns metros em volta da flor amarela, de pétalas que o vento não deixa quietas e a maresia vai queimando. Mas está só, desirmanada, sem conversa de cor ou de insectos zumbidores. Está só, é flor onde tudo realiza cruamente um ambiente de anti-flor.

Irrompeu ali das funduras da areia. Ninguém a esperava e não se fez anunciar: a humidade escasseia, não há cuidados de mãos nem de olhos. Os chorões ficam à distância de dezenas de metros, sem ousadias no sentido do mar, contentes com a encosta da duna pouco mais de que definida.

Porque foi nascer ali onde a solidão a esperava, onde tudo a negava?

Estive para a cortar e levá-la comigo. Dar-lhe-ia a companhia de outras: embora transitória, era sempre uma companhia onde cantaria na orquestra das cores variadas. Pensei melhor, e não a cortei; ela lá ficou, flor amarela, vulgar, momento de cor na monotonia do areal queimado do sol e da maresia. O pardieiro onde se nasce é sempre palácio e ninguém descobre beleza no exílio sumptuoso.

Voltei com a interrogação: porque foi a flor brotar ali? Semente caída de bico de pássaro guloso ou atirada para ali pelo redemoinho dos ventos ou das águas?

Em qualquer lugar, por mais anti-flor que seja, é possível uma flor de jardim. Deus passeia pelos escombros dos bombardeamentos nucleares.

Alberto Baptista

por Joaquim Couto Rodrigues da Silva

Natural de Espinho, onde vive, Alberto Baptista desde muito cedo amou a pintura. Bolseiro da Gulbenkian, em Paris, onde contactou especialmente com Arpad e Vieira da Silva. Foi aqui, neste retiro, que indagou um estilo e procurou um rumo para a sua inquieta procura. A sua exposição de óleos e guaches que, durante algumas semanas, esteve patente ao público na Galeria Divulgação do Porto, é a melhor prova da maturidade dum artista cuja pintura se impõe pela fineza de trato e combinação do material pictórico. Pela harmonia das cores e pela conformidade destas como jogo de relevos, ressalta-nos uma pintura dinâmica e sugestiva, fruto dum universo e duma personalidade.

A sua pintura, efeito duma assimilação contemplativa da natureza, discorre com plena autonomia, processando-se através de zonas nebulosas, de tal modo que atinge uma certa cosmocidade, reflexo dum mundo angustioso ou de despojo lunar, mas dum mundo feliz e equilibrado, apreensão duma interioridade inquieta.

Deambulando num informalismo convicto, dá-nos uma pintura plena de probidade, eco dum temperamento jovem, generoso, mexido, que é prova de vocação e de acerto de expressão.



idade vital.

— ... Quer dizer, então, que se não pintar, sente-se mal?

Tenho que pintar, senão sinto-me frustrado. Há algo que me impele para a pintura e faz com que só nela me realize plenamente.

— Qual a posição do pintor perante o público?

O artista deverá exprimir-se só segundo a sua interioridade. Claro que a sua

Continua na página seguinte

«Defesa Literária» não podia ficar indiferente a um tão grato acontecimento, como o que assinalou a 1.ª exposição individual de Alberto Baptista e, por isso decidiu ouvir o promotor artista. O dia estava quente e a cidade, no seu movimento, apresentava ares de pessoa cansada ao peso dos raios solares. O ambiente dum café que, por acaso, àquela hora era acolhedor, foi refúgio e palco dum diálogo em que predominou a intimidade.

— Quando começou a pintar?

Desde muito cedo, talvez aos 13 anos. Nessa idade tive a primeira caixa de tintas e o primeiro cavalete.

— Fã-lo por mera distração ou por necessidade de expressão?

Pinto por necessidade interior que se processa em mim como qualquer neces-

MÁQUINA DE FAZER AMOR

por FERNANDO GRADE

Ali dois namorados estão a reverem-se
desconhecendo ainda a força do vinagre
e lá vão os dois sorrindo agora para as estrelas
e para os carvoeiros que passam assobiando rosas
e lá vão os dois com a velha atrás (a mãe dela atrás)
atrás com a mala, a velha a coxear com a mala

Les Femmes Sont Rouges

Les femmes sont rouges — diz o menino impúbere
que por ali anda a caçar borboletas
e teve já um 17 no ponto de moral

ESTORIL — 1964

Camões é Portugal

Continuação da página anterior

nos momentos grandes, como é este que agora vivemos, e de projecção universal.

E na sequência destas ideias, deveis conhecer os antepassados que nos engrandeceram, o Infante D. Henrique, promotor dos Descobrimentos marítimos, Bartolomeu Dias, que ao dobrar o Cabo das Tormentas, desfilava as lendas do mar Tenebroso, as quais vendavam ao mundo o Oceano Indico, Vasco da Gama, que desvendou o caminho marítimo para a Índia, mal conhecida até então, Pedro Álvares Cabral que anunciou o descobrimento oficial do Brasil, Fernão de Magalhães, o realizador do 1.º périplo mundial, incluídos, como muitos outros nomes notáveis no número de aqueles que «por obras valorosas se vão da lei da morte libertando». Cantando assim começou Camões o seu poema:—

«As armas e os varões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que permitia a força Humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram».

E como nenhum outro povo escreveu fastos tão importantes como os dos portugueses, é natural o imperativo desta estrofe:

Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram.
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram
Cesse tudo quanto a musa antiga
Canta
Que outro valor mais alto se alevanta.

Sim, pois nós demos «novos mundos ao mundo» através de mares que foram nossos, e a que podíamos chamar como os Romanos ao Mediterrâneo, após as Guerras Púnicas — mare nostrum.

Não foi sem dor nem lágrimas que realizamos a epopeia dos Descobrimentos Marítimos, como diz Fernando Pessoa:—

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram,
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena,
se a alma não é pequena!

E a alma dos portugueses que Camões simbolizou não era pequena e jamais o será, salvo se vos desviardes do caminho que vos apontamos na-

quelas simples referências normativas, para seguirdes:—

E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento,
Vi nenhum contentamento,
E vejo-me a mim, que espalho
Tristes palavras ao vento,
como se queixava (Camões).

Interpretando o ambiente de grandeza que os nautas lusos realizaram, os Lusíadas são a concretização histórico-literária desse momento.

Essa ambiência é constituída pela redacção em latim de Mateus Pisano e Frei Justo de Ceuta dos feitos Ultramarinos; pelos panegíricos do espírito heróico de João de Barros, Castanheira e Gaspar Correia; pelas claras exortações de António Ferreira a Pedro de Andrade Caminha, a Diogo Bernardes e a Diogo de Teive, para que compusessem uma epopeia nacional; pela ostentosa tecedura de grandes tapeçarias históricas, entre elas coleções consagradas ao descobrimento e conquista da Índia; pela propaganda em latim desses feitos orientais; pelos escritos de Damião de Góis, Diogo de Teive e D. Jerónimo Osório, dirigidos a toda a Europa, assim como outras referências. Estes ares animaram Camões a tão notável empresa, legando-nos o seu poema que vale por uma literatura inteira — «O Tesouro Luso» — um verdadeiro milagre!

Tão alta foi a inspiração de Camões que tudo quanto cantaram outros poetas, quer dos tempos antigos, como Homero ou Virgílio, os medievais Dante ou Petrarca, ou os modernos no «Paraíso Perdido» de Milton ou a «Mensagem» de Klopstock, «Henriade» de Voltaire ou a «Araucária» de Alonso Ercila, não se pode comparar pelo seu tema e projecção à nossa epopeia. E' que esta não interessa só a um povo, o português, mas à própria humanidade.

Jovens que me escutais, e por ventura, a vida do poeta seria a de um homem feliz, a quem a sorte bafejasse? — Pelo contrário, é triste e acidentada. Conheceu a amargura do desterro, sofreu muito e em vez de chorar, cantou...

Esteve em Macau. Ao regressar a Goa, a nossa saudosa Goa, naufragou nuns baixios defronte da costa de Anã, tendo de se salvar a nado, e aos «Lusíadas», o que só a muito custo conseguiu.

Partindo para Portugal, aqui viveu infeliz e cheio de dificuldades até 10 de Junho de 1580. Poderia ter aproveitado ocasiões favoráveis para enriquecer. Sacrificou, porém, o seu bem estar à tarefa de glorificar em verso a Pátria, arrostando com as invejas e

inimizades que o seu grande talento provocara.

E' que, podeis crer, os grandes homens são sempre invejados pelos que nada valem e se fazem passar pelo que não são, só porque os outros são superiores, isto é, conseguirão uma obra ou um título que os imortaliza e prestigia a sociedade a que pertencem.

E' genial toda a obra de Camões, mas a Lírica é superior. Os seus sonetos, canções, élogos, elegias, odes, epístolas e poesias em redondilhas são pedaços da sua vida, fontes reveladoras da sua cultura enciclopédica e dos locais por onde peregrinou. Numa das suas muitas poesias «Sóbolos rios que vão por Babilónia», escrita num momento de angústia, é que mais podemos avaliar e sentir com o poeta as saudades da Pátria, e da vida ditosa que nela passara.

Comparando Babilónia ao mal presente e Sião ao tempo passado, diz o poeta:

Sóbolos rios que vão por Babilónia
me achei,

Onde sentado chorei
As lágrimas de Sião
E quanto nela passei.
Vi ao bem suceder o mal
E, ao mal, muito pior.

Pois bem, por maiores que sejam as vicissitudes ou desgostos por que passeis, se viverdes para um ideal, tudo venceréis. O de Camões foi a Pátria que tão alto serviu e engrandeceu, engrandecendo-se. Corações ao alto! Para a frente é que é o caminho! Parar é morrer! Dos fracassos não reza a História.

Sabe, a felicidade está mais na aceitação dos nossos deveres do que na satisfação dos nossos desejos! Quanto mais árdua é a tarefa, maior é o mérito!

Deus, Pátria e Família constituem a trilogia, por que se norteia o português que se preza, aquém ou além-mar, onde quer que se encontrem. E' o «substratum» em que assenta a vossa formação moral e cultural, é património ampliado, que vós legareis à posteridade, honrando e defendendo a integridade da Pátria, sempre unidos, como agora nossos irmãos em África.

Vós sois os homens de amanhã, a esperança da Pátria, que Camões incarnava, pois Camões é Portugal!

ANTERO DA SILVA MENDES

(1) Trabalho proferido pelo sr. Dr. Antero da Silva Mendes, professor da Escola Industrial e Comercial de Espinho, na sessão cívico-cultural que assinalou por iniciativa da Mocidade Portuguesa, O Dia de Portugal, em Espinho.

Ventura

Viver, tranquilamente, a descuidosa vida simples de pobre caboclinha que toda a faceirice cifra e goza na posse de um vestido de chitinha.

Para ir ao povoado, pressurosa, ouvir missa, aos domingos, na igreja, pôr nas tranças um laço cor de rosa e na blusa prender uma florinha.

Não ouvir os rumores da cidade, vivendo a vida sossegadamente longe do fingimento e da maldade.

Na mesa o pão e a bilha de água pura e com alguém, que fosse a alma da gente, compartilhar o céu dessa ventura.

GRACIETTE SALMON

Do livro «O que ficou do sonho»
Editora Guará — Curitiba
Paraná — Brasil

NOTAS Críticas

por JOAQUIM COUTO R. DA SILVA

MAIGRET E OS VELHOS

de Georges Simenon

A Livraria Bertrand acaba de dar à estampa o oitavo volume da famosa série «Inspector Maigret».

Com segurança e mestria, Simenon dá-nos ao longo das páginas deste livro um Maigret comunicativo na perspicácia dos seus raciocínios, conhecedor de psicologia e que sabe conduzir, sem desfalecimentos, os seus ajudantes ao nó do problema.

O livro processa-se através de situações variadas, plenas de sutilezas e possibilidades, que, por certo, despertarão o interesse dos habituais leitores deste género literário.

Livraria Bertrand — Lisboa

FAZENDA ABANDONADA

de Reis Ventura

Neste livro, o autor de «Sangue no Capim», há muito radicado em Angola, relata a aventura sisaleira do Raúl Bravais, aliciado pela maré alta dos preços. O A. consegue emprestar às cenas e aos diálogos um tom de naturalidade e de força de expressão que nos leva a sentir o infortúnio e o drama doméstico desse moço transmontano situação apressada pela queda do preço do sisal e pela infelicidade da esposa gastadeira. Pessoas, paisagens e situações são-nos dadas com segurança e o Bravais faz lembrar o agricultor angolano, desbastador do sertão, valente e cheio de projectos, raramente acarinhado e quase sempre oprimidos por uma burocracia exigente.

Apesar dos múltiplos e pequenos capítulos, o livro lê-se com agrado.

Publicações Imbondeiro — Angola

Por termos acusado a sua recepção demasiado tarde, não podemos, neste número, inserir a crítica aos seguintes livros: «As Miragens do Ocidente» de Albert Vidalie, da Livraria Bertrand; «Entre o Medo e a Esperança», de Tibor Mende e «Origem e Destino das Doenças», de Jean-Marie Gerbault, ambos da Edit. Estúdios Cor; «Suavemente Grande Avançada», Santos Simões, edição do autor.

Mesmo ainda dentro deste aspecto, importante será acentuar o facto de Sastre ser um autor em que se pode descobrir a preponderância e sua notável característica dos temas sobre as realidades sociais do seu tempo. Demonstram-no peças como: «Morte no Bairro», «Ana Kleiber», «A Mordada».

Isto, alguma coisa do que mais extensamente se poderia escrever para um melhor conhecimento do famoso dramaturgo espanhol Alfonso Sastre. Podemos, na verdade, considerá-lo, dos maiores dramaturgos espanhóis das novas gerações, e um dos modernos autores europeus, como demonstra a recente publicação nos Estados Unidos da sua peça «Ana Kleiber» numa ontologia sobre o moderno Teatro europeu.

Conversa com ALBERTO BAPTISTA

continuação da página anterior

Interioridade não se compraz com o das massas, portanto, tem que haver contributo do espectador. E então obedecendo aos seus ritmos interiores o artista sente-se maravilhado quando a sua obra comove, porque ele pinta para as pessoas.

— ... Crê, então, que ao artista não compete levar o público a perceber?

O artista nunca deverá subjugá-lo à compreensão do público. Isso seria uma ansiedade inquietante e leva-lo a falsear o seu mundo interior. A missão de esclarecer compete exclusivamente aos críticos de arte.

— Gostaria que me esclarecesse a sua posição estética.

A minha pintura está definida dentro do informalismo, que tem área de eleição em Espanha. É uma pintura terrena, não gráfica.

— Está satisfeito com a sua primeira exposição individual?

De certo modo. Ela foi, realmente, alento para continuar.

— Gostaria de expor em Espinho?

A esta pergunta, feita um pouco inesperadamente, Alberto Baptista, refletindo, respondeu a sorrir:

Sim, apesar de tudo, era capaz de expor...

— Quer transmitir algo aos seus conterrâneos ou ao público em geral?

Apenas, através da pintura, sei transmitir qualquer coisa.

— Tem predilecção especial por algum quadro?

Pelo último. Será ponto de partida para melhor.

«O último», recorde, é um quadro a óleo onde o mundo de Baptista se mostra num combinado sugestivo de cor, relevo e ritmo, sugerindo a cosmocidade da sua pintura.

— Projectos?

Talvez em Novembro ou Dezembro vá expor a Lisboa. De resto, continuarei a pintar e o que tiver que surgir, surgirá.

Era hora de acabar. Despedi-me, mas antes agradeci e desejei a Alberto Baptista um futuro cada vez mais conseguido na difícil arte de pintar.

De regresso, senti-me imensamente feliz por este contacto, mas igualmente triste por ele ter terminado...

A ópera-bufa

continuação da página anterior

o baixo nível da maior parte das óperas dos séculos XVIII e XIX. Salvaram-se, mas nem sempre airoosamente, os músicos de génio e dotados de qualidades especiais, um dos quais foi precisamente Rossini.

Os compositores torneavam as dificuldades preocupando-se essencialmente com os trechos de abertura, a que chamavam na Itália «sinfonias» e na França «ouvertures», e com as árias das variadíssimas espécies, pois havia a *aria cantabile*, a *aria di portamento*, a *aria parlante*, a *aria d'agilità*, a *aria di mezzo carattere*, a *aria concertata*, etc., etc...

As «sinfonias» enchiam-nas de lugares comuns, a ponto de parecerem decalcadas umas sobre as outras, e as árias iam buscar-se, não poucas vezes, a outras óperas, já postas de lado, fossem próprias ou alheias. Criou-se, por este processo, um novo género a que se deu o nome de *pastiche*, que é como quem diz, óperas elaboradas por méio de receituário, obra de pastelaria. Era ópera-bufa desse género a que cantou no ano de 1762, com o título de *Il trascurato*, no teatro do Corpo da Guarda, o primeiro de ópera lírica que teve o Porto. Foi essa, também, uma das primeiras óperas italianas que parece ter sido cantada naquela cidade. A Pergolesi tem sido atribuída a sua autoria, mas erradamente. Pergolesi compôs óperas-bufas para *intermezzi*, é certo, mas só num acto e originais.

REBELO BONITO

Alfonso Sastre

— Um Teatro que revivendo o passado se projecta no futuro —

Devia ter sido penoso para Alfonso Sastre o viver a crise espanhola de 1936. Mas, o facto, é que geralmente, os «homens-testemunhas» geram-se «no duro» dum específico movimento histórico que, mais tarde, virão a mostrar aos contemporâneos e vindouros; através do som, da tinta, da letra, etc. Ora o dramaturgo espanhol que quisemos trazer a estas colunas, duramente trabalhado no clima difícil da Guerra Civil de Espanha, impregnou a sua obra dum acentuada tonalidade trágica que bem nos mostra ser fruto dessa circunstância histórica.

Daí, e muito naturalmente, que o teatro de Sastre nos surja como profundamente diferente do anti-teatro de Ionesco ou do teatro «em que nada acontece» de Tchekov. Não há dúvida que esta nobre arte será tanto mais universal quanto melhor traduzir o circunstancial histórico ou nacional em que o seu autor o produziu. Interessante será apontar os casos de Arthur Miller por ex. em «As Bruxas de Salem», Tchekov com «A Gaivotas», Paul Sastre em «Mortos sem Sepultura», etc., e Sastre como teremos ocasião de ver.

por Gomes Amorim

Alfonso Sastre nasceu a 20 de Fevereiro de 1926 em Madrid. Aqui estudou, acabando por concluir em Murcia a licenciatura em Filosofia. A sua obra é vasta: «Urânio 235», «Carregamento», «Esquadra para a Morte», «A Mordada», «O Sangue de Deus», «O Pão de Todos», «O Corvo», «Ana Kleiber», «Terra Vermelha», «Guilherme Tell tem os olhos tristes», «A Cornada», etc.

O autor da «Mordada» aparece-nos pela primeira vez na cena espanhola em 1946 ligado ao grupo da «Arte Nova». O Teatro em Espanha via-se ainda, nessa época, estagnado em nível de notável mediocridade donde Lorca, Benavente, Mihura não foram capazes de arrancar. A este pauperismo degradante vemos surgir com Alfonso Sastre, um Teatro que,

evoluindo peça após peça, acabaria por equiparar-se ao moderno teatro europeu.

Isto, porque Sastre é um verdadeiro artista do drama. Laboraria em erro quem julgasse vir a encontrar no dramaturgo espanhol um simples perfilhador e construtor da banal «arte pela arte». Não terá o leitor ou espectador ocasião de descobrir esta deturpação da arte, pois «só uma arte de grande qualidade estética é capaz de transformar o mundo», como ele próprio afirma. As suas peças são um todo completo em que os personagens são manejados com pericia e argúcia, oportunidade e sobriedade, em que se desprezam as soluções fáceis, tudo isto modelando o desenvolvimento, gradualmente, evolutivo das situações dramáticas até ao seu natural desenlace trágico.

Não quer o autor, porém, que a tragédia, pura e simples, seja o núcleo gerador dos personagens e a conservação de toda a situação dramática. Para Sastre a tragédia, mais que isso, é «um cântico de esperança». A propósito da Revolução como «realidade trágica» diz o dramaturgo: «Se toda a Revolução é um facto trágico, toda a ordem social injusta é uma surda tragédia inaceitável. Intento colocar o espectador perante o dilema de escolher entre as duas tragédias (...). A esperança reside no desenlace feliz desta última (tragédia revolucionária) que é, ou deve ser, aguda e aberta em face da outra surda, crónica, fechada».

E' deste modo que o espectador de uma peça de Sastre, deixará de ter um lugar puramente passivo no desenrolar dos factos. A ele competirá assistir ao julgamento do homem que contra tudo e todos luta desesperadamente pela sobrevivência. E', porém, um assistir de réu, em que forçosamente o espectador acabará por ter de julgar-se a si próprio.

Podemos dizer que o palco sobre o qual Sastre faz «viver» os seus personagens e Espanha. Na verdade, se peças há em que a acção decorre em país indeterminado ou em tempo recuado ou futuro (como por ex.: Esquadra para a morte) é sobre a Espanha de hoje que o dramaturgo nos fala.

COMUNICADO

Renato Manuel de Sousa Vieira

(Ex-Sócio da Firma Ribeiro & Alves, L.da (Livralia))

Comunica aos seus Ex.^{mos} Amigos e Clientes que espera continuar a receber o favor das suas ordens no novo estabelecimento **Papelaria e Livraria ABC** «antiga Casa Sousa», na RUA 19, com o telefone 92 00 99

O Cortejo de Oferendas

continuação da 1.ª pág.

Atendendo às circunstâncias que já aludimos, o resultado da iniciativa, foi satisfatório.

Para que a S. C. da Misericórdia possa cumprir razoavelmente a sua missão é preciso que não deixe de se realizar todos os anos uma jornada idêntica.

Como incentivo a futuras iniciativas passamos a descrever o apuro de cada lugar das freguesias rurais, a saber:

FREGUESIA DE ANTA
Gulmbra, 2 000\$00; Esmojeães, Caçufas e Garvalho, 5 871\$00; Idanha, 5 520\$50; Anta, Estrada e Quinta, 8 955\$50 (Nesta importância entram 5 000\$00 da Fábrica Luso-Celuloide); Total Esc. 18 327\$00.

FREGUESIA DE PARAMOS
Aguieiro de Baixo, 1 120\$00; Bouca, 4 700\$00; Corredoura e Praia, 5 871\$10; Moínhos e Relva, 8 255\$50; Cal e Quinta, 6 075\$50; Lomba, 7 355\$00; Estrada de Cima, 1 120\$00; Poças e Campo, 4 900\$00; Junqueira, 3 020\$00; Agueiro de Cima, 4 555\$50; Barril e Corredoura, 1 200\$00; Monte, 8 975\$50; Ribeirinhos, 7 600\$00; Estrada de Baixo, 1 000\$00; Total, 15 266\$10.

FREGUESIA DE SILVALDE
Sales, Outeiro e Santa Cruz, 2 000\$00; Silvalde, 2 445\$00; Sisto e Cerga, 1 526\$00; Bairro da Marinha, 4 985\$00; Figueiredo, Novo, Aldela, Pedreira, Barreiro, Ervilhal e Loureiro, 3 567\$50; Souto, Gulhe e Loureiros, 1 443\$50; Formal e Fonte da Rata, 5 405\$00; Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, 1 200\$00; Total, 13 030\$00.

FREGUESIA DE GUETIM—4 220\$00.
Total Geral das Freguesias — Esc. 48 843\$10.

São dignos de louver os membros das comissões de todas as freguesias, que andaram de porta em porta, na ingrata missão de colher donativos para tão humanitário fim.

Festa a N.ª S.ª do Mar

Realiza-se hoje no Bairro da Casa dos Pescadores, à Marinha de Silvalde-Espinho, a Festa em honra de N.ª S.ª do Mar, que se venera da capelinha do referido bairro.

Às 11 horas será celebrada Missa cantada, e às 17 horas terá a citada capela uma luzida procissão, com diversos andores e alfaias religiosas, acompanhada pela Banda de Silvalde.

Durante o dia, haverá arraial e à noite dançará o Rancho de S. Pedro.

— Amanhã tocará um conjunto musical.

Comarca da Feira

(SECRETARIA JUDICIAL)

(1.ª Publicação)

Anúncio

Na comarca da Feira e 1.ª secção de Processos da Secretaria Judicial, correm éditos de 30 dias, citando o seu Manuel da Silva Torres, casado, proprietário, morador que foi no ângulo das ruas 26 e 23 de Espinho, e ausente em parte incerta da Venezuela, para no prazo de 20 dias, findo que seja o prazo dos éditos e este contado da data da última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a acção ordinária que contra o citando e sua mulher Maria da Conceição da Silva Torres, move a autora Elisa de Oliveira Marques, da freguesia de Anta, acção em que a autora pede aos seus o pagamento da quantia de 150 contos que lhe emprestou para eles ocorrerem a diversas necessidades do seu casal e eles reconhecerem a obrigação por documento particular de 6 de Dezembro de 1960, escrito pela mão do seu marido e assinado por ela e pela ré mulher. Que os seus, embora reconhecendo a dívida, recusam-se a restituir à autora a mencionada importância apesar desta, pela mesma autora e por diversas vezes lhe ter sido pedida, concluindo por pedir que a acção seja julgada procedente e provada, declarando-se formalmente aulo o empréstimo de 150 contos que a autora fez aos seus e condenando-se estes a restituir-lhe essa importância e a indenizá-la do rendimento que poderia tirar dele e de que está privada, contado a partir da citação dos seus e à taxa de 6% ao ano, com custas a cargo deles, devendo o seu, caso conteste, confessar ou negar a sua firma, aposta no aludido documento particular de 6 de Dezembro de 1960.

Feira, 28 de Julho de 1965.

© Juiz de Direito,
José Ventura de Pinho
O Escrivão,
António Duarte Ferreira

Defesa de Espinho n.º 1741 da 8/8.65

Contribuição Industrial

Acabam de ser fixados os lucros tributáveis referentes ao exercício de 1964.

Chamamos a atenção dos nossos leitores interessados para o Edital que a seguir se publica, a pedido do Ex.^{mo} Chefe da Repartição de Finanças de Espinho.

EDITAL

José Augusto do Curral, Chefe da Repartição de Finanças do concelho de Espinho, faz saber que de 1 ao dia 16 de Agosto em curso poderão os contribuintes de Contribuição Industrial, grupo B, reclamar, querendo, da fixação da matéria colectável feita nos termos da alínea a) do art.º 66.º do Código da Contribuição Industrial aprovado pelo Decreto-Lei n.º 45103, de 1 de Julho de 1963 para a COMISSÃO DISTRITAL a que se refere a art.º 71.º do mesmo Código.

E para que chegue ao conhecimento de todos os interessados se passou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixadas no lugar do costume.

Repartição de Finanças do concelho de Espinho, 31 de Julho de 1965.

O Chefe da Repartição,
José Augusto do Curral

Norma

(Escrita em papel selado)

Ex.^{ma} Comissão Distrital de Reclamação da Matéria Colectável de Contribuição Industrial, grupo «B»,

AVEIRO

F. _____ (estado, domicílio, ou sede), colectado na Repartição de Finanças do concelho de _____ pelo exercício da(s) actividade(s) de _____ achando exagerado o montante dos lucros líquidos que, relativamente ao ano de 1964, lhe foi fixado pela Comissão a que se refere o art.º 68.º do Código da Contribuição Industrial aprovado pelo Decreto-Lei n.º 45103, de 1 de Julho de 1963, vem reclamar contra o mesmo com os fundamentos seguintes:

- 1.º _____
- 2.º _____
- 3.º _____

Pede deferimento,
Data, _____
Assinatura (não necessita ser reconhecida)

J. OLIVEIRA

SOLICITADOR
Largo do Convento
TELEF. 96138 - P. B. X.
VILA DA FEIRA
Rua 19 n.º 457-2.º
TELEF. 92 07 70
ESPINHO

PARA
CÂMBIO E VIAGENS
UTILIZE A ORGANIZAÇÃO



TURISMO

RIO DE JANEIRO
AV. RIO BRANCO, 125-B
COPACABANA
AV. N. S.ª DE COPACABANA, 391-B
S. PAULO
RUA 3 DE DEZEMBRO, 64

CORRESPONDENTES EM PORTUGAL

PINTO DE MAGALHÃES
BANQUEIROS

UMA ORGANIZAÇÃO MODERNA E EFICIENTE
PARA TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PORTO—LISBOA
AMARANTE—ARCOS DE VALDEVEZ
CHAVES—COVA DA PIEDADE
ELVAS—PENICHE—TOMAR
VILA DA FEIRA—FÁTIMA



RIO DE JANEIRO

BANCO PINTO DE MAGALHÃES S. A.
RUA DO OUVIDOR, 86

«A Moradia de Espinho»

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada
Rua 24 n.º 751 ESPINHO



Aviso de Sorteio

Realiza-se no dia 7 de Setembro próximo, pelas 22 horas, na sede da Cooperativa, mais um sorteio para a construção duma casa, de qualquer classe, pelo que temos a honra de convidar todos os sócios a assistir a este acto. Da lista dos números a sortear, que encerra no dia 31 de Agosto, constarão os números dos sócios que tenham a sua quotização em dia.

A DIRECÇÃO

Audição de Piano

Em referência à audição de piano da conceituada professora D. Maria Adelaide Castel-Branco, realizada em 24 de Julho e à qual não tivemos ensejo de assistir, recebemos de sr. Armando de Sena Carvalho, crítico da especialidade, a seguinte apreciação que nos apraz transcrever:

...Sr. Director da «Defesa de Espinho»

Em cada Audição que se realiza e em que a Ex.^{ma} Prof.ª D. Maria Adelaide Castel-Branco me pede a minha judiciosa crítica, eu fico excitante, sem saber o que devo referir. Esta então excedeu as minhas modestas possibilidades de crítico, porque a forma como se apresentam um tão elevado número de alunos me coloca numa indecisão muito difícil. Que se há-de dizer daquela quantidade de pequenas alunas que tanto exaltam o ensaio recebido em execução de programas de sérias dificuldades que já ombreiam com o peso das responsabilidades que envolvem as respectivas peças? Evidente é que, neste caso, só uma referência pessoal a cada executante evitava, mas como ter tempo para a sua minuciosa referência?

Assim limito-me a considerar esta Audição como uma das melhores a que tenho assistido e que o público reconheceu brindando com fartos aplausos as diversas executantes.

Mais uma vez vão para estas, as minhas felicitações e profundo desejo de nos continuarem a dar tão felizes horas de prazer espiritual, para futuramente nos mimosearem.

Assim vão as minhas cordiais felicitações para tantos executantes e para a sua insigne Prof.ª, por ter con-

Colégio de N.ª S.ª da Conceição

Encontram-se bastante adiantadas as Obras do novo edifício do Colégio de Nossa Senhora da Conceição, o qual, segundo observamos, vai ser dotado de todos os requisitos aconselháveis a um estabelecimento de tal natureza.

Peixaria Central

RUA 23—ESPINHO

Encontra-se nesta Peixaria um porta-moedas com dinheiro que se entrega a quem provar pertencer-lhe.

Dr.ª Laura Romariz

Médica

ex-chefe do Serviço de Diética no Hospital de S. João, do Porto

2.ª feiras das 10 às 12 h.
3.ª e 5.ª feiras das 16 às 19 h.
RUA 51 N.º 521 - ESPINHO
Clínica Geral
Puericultura — Nutrição

seguido elevar o seu ensino a um superior grau de agrado geral.

Armando Amorim de Sena Carvalho

Dr. G. Payot

de colaboração com a Drogaria e Perfumaria Baptista

Têm o prazer de participar a todas as Ex.^{mas} Senhoras que se encontrará na DROGARIA E PERFUMARIA BAPTISTA, Rua 23, Espinho, do dia 9 de Agosto ao dia 14 de Agosto inclusivé, uma Estheticienne-Delegada que durante estes dias estará à vossa inteira disposição para vos aconselhar e maquilhar gratuitamente e bem assim vos indicar a aplicação e uso dos seus acreditados produtos de tratamento de beleza.

Laboratoires du Dr. N. G. Payot — Rue Castiglione, 10 — Paris-França

REPRESENTANTE PARA PORTUGAL:

FERBELE — União Comercial de Representações, L.da

Rua Actor Izidoro, 4-1.º Esq.

LISBOA

CONCESSIONÁRIO EXCLUSIVO
EM ESPINHO:

Drogaria e Perfumaria Baptista

RUA 23-240—ESPINHO

TELEFONE 920467

VIDA DESPORTIVA

Voleibol

Camp.to Nacional da I Divisão

- Sp. de Espinho 3 Técnico 2
- Sp. de Espinho 3 L. Ginásto 1
- Leixões 2 Sp. de Espinho 3
- Sp. de Espinho 3 Ac. de Coimbra 0

Camp.to Nacional da II Divisão

- Ac. de Espinho 1 Avintes 3

Andebol de Sete

Camp.to Nacional da I Divisão

- Paramos 18 Salgueiros 15

Camp.to Nacional de Juniores

- Sp. de Espinho 12 Padroense 9

Hoquei em Patins

Camp.to Nacional (Zona Norte)

- Ac. de Espinho 2 Infante de Sagres 7
- Carvalhos 2 Ac. de Espinho 3

CINE-TEATRO

do Grande Casino de Espinho

Programa de 8 a 10 de Agosto

Hj, Domingo, 8 — O SAMBA DO AMOR — m/12 anos.

2ª-feira, 9 — SEM ALIBI — m/17 anos.

3ª-feira, 10 — O TEMPLO DO ELFANTE BRANCO — m/12 anos.

As sessões nocturnas começam às 21,45 h. Aos Sábados, Domingos e feriados, há sessões também às 15,30 h.

Terreno — Venda-se

nas ruas 20 e 5.

Falar na Rua 7 n.º 479

Festas de La-Salette

Iniciaram-se ontem e prosseguem hoje e amanhã as tradicionais e imponentes Festas de La-Salette, das mais importantes que se realizam no distrito de Aveiro.

Hoje, além das festas religiosas e da imponente procissão, haverá concertos musicais no jardim Público; pelas 18 horas, sairá da Igreja Matriz imponente procissão que conduzirá ao seu Santuário a imagem de N.ª S.ª de La-Salette.

A noite, realiza-se o primeiro arraial, concertos pelas bandas de música de Infantaria 6 e de Carregosa.

Amanhã — continuação das festas — arraial nocturno, concertos musicais, etc., terminando as festas com deslumbrante fogo preso.

As Festas do Castelo em Vouzela

Proseguem hoje e amanhã as tradicionais «Festas do Castelo», na ridente Vila de Vouzela, as quais costumam ali atrair milhares de forasteiros.

Do programa de hoje constam entre outros os seguintes números:

Às 9 30 horas — a III Gincana Pécica Automóvel de Vouzela;

Às 16 horas — Início, no Parque, do II Festival Folclórico de Vouzela, com a actuação dos ranchos: Caneloneiro de Agueda Ronda Típica da Meadela, Típico de Pombal, e outros, seguindo-se concertos pelas Bandas do Pejão e Musical Vouzelense, etc.

À 1 hora da manhã — Vistosa sessão de fogo de artifício e de fogo preso, com um inédito combate naval.

Correspondências

Esmoriz

2/8/1965

EMBATE DE DUAS CAMIONETAS

No fatídico cruzamento das E. N. 109 e 14 ao Picoto, deu-se esta madrugada às 4 45 horas mais um embate de camionetas e ambas de encontro ao prédio que fica situado no lado poente-sul do referido cruzamento.

A camioneta da praça de Matosinhos, conduzida pelo seu proprietário Afonso de Megalhães Ribeiro com número de matrícula CI 21-77 com peixe circulava na E. N. 109 para o sul, quando da E. N. 14 saiu a camioneta HD 80-73, vasia e conduzida pelo também seu proprietário Alfredo Correia, de Felgueiras, embateram violentamente uma na outra, e, ambas no prédio referido.

Do embate resultou varias vultuosas na camioneta de peixe e embora grandes de menor vulto na camioneta que circulava vasia. O prédio também sofreu pesado estrago.

Há a lamentar ferimentos de gravidade num dos ajudantes e ligeiros nos restantes.

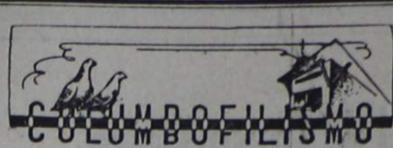
Pedidos os socorros para o Quartel de Bombeiros desta Vila, prontamente compareceram com um pronto-socorro e Ambulância, que conduziram ao Hospital de Ovar os feridos, mas antes tiveram que se debater com o desmantelamento das esbinas duma das camionetas para poderem retirar os seus ocupantes.

São inúmeros os acidentes verificados neste cruzamento que há muito exige além de um sinaleiro, sinalização mais completa e visual na E. N. 14 que do Picoto vem até à Estação de Caminho de Ferro.

AS CONCORDÂNCIAS DESTA CRUZAMENTO NÃO CORRESPONDEM ÀS EXIGÊNCIAS DO SEU TRÁFEGO.

Embora não possamos dar como causa deste acidente, e acanhamento das concordâncias no cruzamento, outros se têm dado por esse facto e manobras são exigidas aos veículos que da E. N. 109 se dirigem para a E. N. 14 e vice-versa.

Seria oportuna a cessão para negociar com o proprietário do prédio danificado em parte, com este acidente.



Grupo Columbófilo de Espinho

CONCURSO DE ÉVORA II

Manuel F. Lopes, 1-2 5-20-21-30 51 62-69; José M. Valente, 5-13-60-68; Custódio Sá, 4 49 66; Dr. Júlio Coutinho, 6; Romeu Vito, 7-10-28; Manuel Costa, 8 25-32-35-38 55-67; Manuel F. Santos, 9-11-12 46; José Martins, 14-19; Américo Castro, 15-18-23-27-40-47-54 65; Alexandre F. Lopes, 16-44-56; F. de Pina Cabral, 17-29-37; José Campos Silva, 22-34 48-51-70; António Madureira, 24-53; Waldemar Oliveira, 26; Joaquim S. Marques, 33-36-58-63; António Miguel, 39-64; Hernani Guimarães, 41-43; Fernando Oliveira, 42-52; Anselmo Couto, 45-50-59; Alberto Sá, 57-65;

Média do 1.º pombo, 897,48 ms/m.

CONCURSO DE TUNES II

Joaquim S. Marques, 1-32; José C. Silva, 2-12 34 49-58; António Madureira, 3-21-40 45; Alberto Sá, 4-9; Hernani Guimarães, 5-10-55; José Martins, 6-14 44 60; Dr. Júlio Coutinho, 7-20 27 50 51; José M. Valente, 8 23-24 28-48; F. Pina Cabral, 11-33-47-52; Romeu Vito, 13-16 25-56; Manuel Lopes, 15 22 35 37-59; Manuel Costa, 17-31; Fernando Oliveira, 18-42-57; Alexandre Lopes, 19-41; Manuel Santos, 26 38-48; Américo Castro 29 30 43-53 54; António Miguel, 38, Custódio Sá, 59,

Prof. Sá Couto
Formado em Alta Cultura Física
Ginástica Respiratória, Estética e Correctiva, Maçagem, Nutrição, etc.
Espinho — Telefone 92 07 49

te a dar ao local mais visibilidade aos cruzamentos, saídas e entradas dos veículos, nestas vias. Aqui deixamos o alvitre a quem de direito. — C.

Presos os autores do roubo praticado na Adega do «O Nosso Café»

Na madrugada de 25 de mês findo, dois ladrões, penetraram na Adega do «O Nosso Café», que está a ser explorada pela sr.ª D. Arminda Pousada, e furtaram um cofre portátil com cerca de 6 mil escudos e vários documentos.

O caso foi entregue à P. S. P. e não demorou a esclarecer-se toda a verdade, através de uma profícua orientação do agente Silva.

Em resultado das investigações foram presos Artur Dias Sequeira «O Meireles», residente na Rua 9 n.º 230, e David Mates da Silva, natural de Barcelos e residente na Rua 8 desta Vila, ambos empregados no «Nosso Café».

Os ladrões confessaram-se autores do roubo, tendo dito, que levaram o cofre para a praia onde arrombaram com um paralelo, abandonando-o juntamente com uma gralha, tendo queimado os documentos e dividiram o dinheiro.

Ao «Meireles» ainda lhe foi apreendido 2106370 que tinha escondido dentro de uma coelheira. Ao David Mates, foi-lhe também apreendida a quantia de 497350, um f. to, dois pares de sapatos, diversas roupas, tendo gasto algum dinheiro em coisas, que não foi possível apreender.

Depois de organizado o respectivo processo, ambos foram entregues ao Tribunal.

Vende-se — casa

Na Rua 19, composta por rez-do-chão, 1.º andar, águas furtadas e quintal.

Falar com Carlos Leal — Caixa Geral de Depósitos — Espinho.

Jornais Velhos

de formato grande ou médio VENDEM-SE

Na Tipografia Espinhense ou na Redacção deste Jornal, se informa

Cadinha & Couto
Merceria, Cereais, Azeites
ARMAZENISTAS
Armazém e escritório:
ANGULO DAS RUAS 18 e 20
Tel. 920052 - ESPINHO

Armazém de Merceria, azeites, farinhas e cereais
MÁRIO FORTUNA COUTO
Depósito de Açúcar, Tencinho e Gordura
Telefone 920505
Rua 9-455 a 447 - ESPINHO

A Cristalencia
Encarrega-se da colocação de vidros em qualquer ponto do País
Vidros Ferreira
Depósito de Vidraça em caixa, cortada ou colocada, Molduras para caixilhos, Espelhos, Tijolos e Telhas de Vidro
Grande desconto para Revenda
Fernando de Sousa Ferreira
Rua 18 n.º 675 ESPINHO
Telefone, 920480

Paderia e Confeitaria «Modular»
a casa mais elegante de Espinho neste género, mecanizada pelos mais modernos processos higiénicos
MAYOS & IRMÃO
Rua 10, 953-957 - Tel. 920127 - Espinho
Emerada fabricação de pão de todas as qualidades. Pão de forma para torradas e sanduiches, fabrico especial de massa. Sessão de pastaria e confeitaria
Filial em Paços de Brandão

Paderia Afonso
V.º de Afonso Ferreira Gaio
PÃO DE TRIGO E DE MILMO
Especialidade em fabrico de Pão Integral
Rua 14-865 ESPINHO Tel. 920169

HORVA FÁBRICA DE MOBÍLIAS E OBJECTOS UTILITÁRIOS
Vimes, junco, mistos e palmito
Rua 14 N.º 1244-1252 - Tel. 920291
ESPINHO

M. P. Moreira
Fábrica de guarda-sois «ANFIBIO»
Fábrica de camisas «MARCO»
Rua 19-402 — Apartado 9
Telefone 920051 - Espinho

Defesa de Espinho
Tabela de Preços das Assinaturas anuais:
Portugal Continental e ilhas adjacentes 8000
Províncias Ultramarinas Espanha e Brasil (via marítima) 8000
França, Canadá, República do Congo (via marítima) 10000
Venezuela e U. S. A (via marítima) 12000
Províncias Ultramarinas (v. aérea) 22000
Venezuela, Brasil e U. S. A. (via aérea) 22000
Número avulso 1\$20

CONFETARIA SAMEIRINHO
Especialidade em Bolos, Docas regionais fabricadas na mesma confeitaria
Sala de Chá
Serviço de Café, Chocolate e Cacaú
Manuel Augusto de Castro
Rua 19 n.º 186 - Telefone 920485
ESPINHO

SERRAÇÃO DE MADEIRAS DA PONTE DE ANTA
Francisco H. de Castro & Filhos, Lda
Baldes, forros aparelhados, madeiras para a construção civil e carpintaria
Telefone, 920067 - ESPINHO

LUSO-CELULOIDE
de HENRIQUES & IRMÃO, L.DA
Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos
Telefone, 920070 • ESPINHO • Apartado, 22
Bijuterias, Travessas, Travassões, Ganchos, Pontes, Óculos, Espelhos, Galgadelras, Cartões para passe, Bolso, Nevos, Bonécos, Máquinas para barbear, etc., etc.

MOPE, L. DA (Agência Informadora Comercial)
Proprietária do Boletim «Guia do Crédito»
A maior Organização estabelecida no País
PORTO Rua de Sá da Bandeira, 256/1º Telef. 94065 e 28468 End. Tel. MOPE
LISBOA: Av. da Liberdade, 105 Telef. 55419 e 87785 End. Tel. GUIATO

UVA
Porto — Gaia — Espinho
Vinhos de Passo, verdes e maderos
Para as Ex.mas Donas de casa uma garantia de qualidade em garrafas de 5 litros.
À venda nos bons estabelecimentos
vinho Puro... Alimento Puro...
Régua — Torres Vedras
Aquisição directa na origem.
Qualidades esmeradas
Recomendamos também o nosso Vinagre, feito de vinhos puros e em garrafas com rolha especial recuperável

Fogões a gás
VITÓRIA E PROGRESSO
Duas marcas que se impõem
Fabrico com garantia e assistência técnica da
Fábrica Progresso
Manuel Francisco da Silva & C.ª L.ª
ESPINHO
À venda nos bons estabelecimentos, e na
Agencia Cidia - Rua 23-252

PREFIRAMOS OS FOSFOROS DA FOSFOREIRA PORTUGUESA